

ENTRELAÇOS: UMA CELEBRAÇÃO DA FORÇA DA MULHER E DA SENSIBILIDADE DA NATUREZA

Maria Elizabete Nascimento de Oliveira¹
 Danúbia da Silva Leão²
 Jocineide Catarina Maciel de Souza³
 Ana Paula da Silva Piveta⁴
 Talita Dutra dos Santos⁵

RESUMO

A Exposição Poética *EntreLaços* configurou-se como um evento sensorial e simbólico que entrelaçou artes, memória, ecologia, educação ambiental e o protagonismo feminino em uma data emblemática - o Dia Internacional da Mulher/2025⁶. Com uma programação cuidadosamente curada, o evento propôs uma vivência estética onde linguagens visuais, sonoras e poéticas se cruzaram em diálogo com os desafios contemporâneos da sustentabilidade, da saúde e da educação afetiva. Realizada em Cáceres-MT-Brasil, a exposição revelou-se como mais do que uma mostra artística: foi um ponto de convergência entre ciência, cultura e sensibilidade socioambiental. A curadoria se atentou à pluralidade de linguagens e à força viva do território pantaneiro, a exposição teceu um espaço de escuta e diálogo onde artes, ciência e educação ambiental se entrecruzaram para narrar um mundo em transição. Um dos pontos de destaque da mostra foi o uso de tintas de pigmentos naturais extraídos da natureza, cada participante pode experienciar práticas ancestrais e ecológicas na criação artística. Além disso, ocorreu o lançamento do livro *Império* (2024), que traz a força dos imperativos na vivência feminina, com arte plástica aquarelada e com um espaço interativo de experimentação com as tintas naturais que permitiram uma vivência sensorial e educativa com os visitantes que puderam manipular pigmentos, sentir texturas e aromas, e compreender os processos biológicos/ecológicos/botânicos sustentáveis envolvidos, ler poemas e soltar a voz com sua música preferida. Acreditamos que essa prática vivencial aproxima-se da perspectiva de Michèle Sato (2002) e Fritjof Capra (1996), que defendem uma educação ambiental “mais afetiva, sensível e artística”, capaz de fomentar o encantamento como potência política e pedagógica. No clássico: *Teia da vida*, o autor propõe o pensamento sistêmico e ecológico dentro das ciências biológicas e defende que: “A biologia do futuro será uma biologia da relação e da interdependência.” (Capra, 1996, p. 217).

Palavras-chave: educação ambiental, pigmentos naturais, literatura, arte, mulher.

¹ Doutora em Estudos Literários/UNEMAT-Universidade do Estado de Mato Grosso, maria-elizabete.oliveira@edu.mt.gov.br

² Doutoranda em Estudos Literários/UNEMAT, jocineide.souza@edu.mt.gov.br

³ Doutora em Ciências Ambientais/UNEMAT, danubia.leao@edu.mt.gov.br

⁴ Academica do curso de Ciências Contábeis/UNEMAT, a_paulinha@hotmail.com

⁵ Academica do curso de Enfermagem/UNEMAT, talita.dutra@unemat.br

⁶ [Dia 08 de Março: Grande evento no Villa's Petiscaria com a exposição "EntreLaços" e lançamento do livro "Império" - ZAKINEWS](#)



Introdução

A Exposição Poética *EntreLaços* configurou-se como um evento sensorial e simbólico que entrelaçou artes, memórias, ecologia e o protagonismo feminino em uma data emblemática — o Dia Internacional da Mulher, 08 de março de 2025. Com uma programação cuidadosamente curada, o evento propôs uma vivência estética em que linguagens visuais, sonoras e poéticas se cruzaram em diálogo com os desafios contemporâneos da sustentabilidade, da saúde, da educação afetiva e da poética oral de mulheres que faz esperançar cultural nos seus espaços de trabalho. Realizada em Cáceres-MT-Brasil, às margens do rio Paraguai, a mostra revelou-se mais do que uma exposição artística: foi um território simbólico onde ciência, cultura e sensibilidade socioambiental se reuniram para narrar um mundo em transição.

Essa abordagem encontra ressonância profunda com a pesquisa desenvolvida no livro *A educação ambiental e Manoel de Barros: diálogos poéticos* (Paulinas, 2012), onde a autora propõe uma ecologia profundamente afetiva, estética e relacional. Para ela, a educação ambiental precisa “descer às margens da poesia” e “acolher a infância dos sentidos”, abrindo-se à dimensão simbólica da natureza como espaço de pertencimento e encantamento (Oliveira, 2012, p. 73). Nesse sentido, a curadoria da *EntreLaços* se constituiu como um convite à escuta do território e à sensibilidade ecológica em sua pluralidade de formas e vozes. Um dos pontos de destaque da mostra foi o uso de tintas produzidas a partir de pigmentos naturais extraídos da natureza pantaneira, numa prática que evoca saberes ancestrais e técnicas sustentáveis, saberes esses necessários para libertação de uma sociedade artificial e alienada pelo capitalismo, e além disso, práticas pedagógicas que podem contribuir para a formação do sujeito transformador do mundo a sua volta (Freire, 1996).

Ao propor oficinas interativas com esses materiais naturais, a exposição criou uma experiência tátil, olfativa e visual que possibilitou aos visitantes não apenas observar, mas também *sentir* e *compreender* os processos ecológicos da criação artística, oportunizando aos presentes, retomarem por alguns instantes, o contato com a natureza, momento necessário diante da emergência climática global (Krenak, 2020), tema da COP30 em 2025 (Amnesty International, 2025). Essa vivência ecoa a concepção de educação ambiental defendida por Michèle Sato, para quem é essencial



“reencantar a vida por meio da arte, dos sentidos e da escuta dos silêncios” (Sato, 2002), de modo a promover uma ecopedagogia onde a imaginação poética é instrumento de transformação.

Para além de fortalecer a difusão das produções artística em suas diferentes linguagens: música, poesia, obras plásticas, produtos artesanais, EntreLaços foi um espaço em diferentes gerações de mulheres podem reconhecer e dizer o quanto aa suas vidas foram/são fortalecidas pelo poder transformador da educação pública, pois o grande público dessa primeira edição foram professoras e estudantes, que assim como Antônio Cândido, acreditam na literatura/arte como um direito universal e transformador.

Desenvolvimento

A abertura da exposição EntreLaços foi marcada por uma delicada performance de violino e violoncelo com Evelin Mendes e Mayra Ramony, que recepcionaram o público com melodias que evocaram a introspecção e a celebração do momento. Em seguida, a fala introdutória destacou a arte como pulsão da alma feminina e reforçou a perspectiva de uma educação ambiental sensível, como defende Michèle Sato (2002), onde enfoca que a estética tem papel formador e transformador.

A exposição das artistas visuais ficou por conta de Danúbia da Silva Leão e Ana Paula da Silva Piveta, as quais trouxeram obras profundamente enraizadas na paisagem pantaneira, produzidas com tintas naturais extraídas da natureza. Essa escolha do material é simbólica e fortalece o compromisso ético com a sustentabilidade, bem como, com o respeito aos saberes tradicionais, uma biotecnologia ancestral que transforma o ato de pintar em gesto ecológico, estético e ético (**Fig. 01**).

Figura 01: Registros da utilização dos pigmentos naturais durante a exposição *EntreLaços*.



Foto: Letícia Cachui.

A proposta sensível da Exposição *EntreLaços* encontra âncora na filosofia poética de Gaston Bachelard, que afirma: “A matéria sonhada é sempre uma matéria da intimidade” (*A terra e os devaneios do repouso*, 1948). Ao trabalhar com a terra, as folhas, a seiva, o cheiro e a cor, o evento ativou justamente essa intimidade poética da matéria, o que Bachelard chamaria de “imaginação material”. Acreditamos que ao permitir que o público tocasse, manipulasse e sentisse os pigmentos naturais, o evento propôs ainda uma imersão naquilo que o autor chama de “profundidade sensível da experiência”, aquela que nos devolve à escuta da terra.

Há também eco da proposta na defesa de uma educação estética e ecológica feita por Fritjof Capra. Em *A teia da vida*, onde o autor propõe um pensamento sistêmico dentro das ciências biológicas e afirma que “a biologia do futuro será uma biologia da relação e da interdependência” (Capra, 1996, p. 217). Essa interdependência entre seres, saberes e linguagens se materializou na *EntreLaços* como uma prática viva de intercruzamentos entre arte e biologia, ciência e imaginação, território e afeto.

Outro marco da exposição foi o lançamento do livro *Império* (2024), de Elizabete Nascimento, uma obra que reúne poemas sobre os imperativos do feminino em diálogo com aquarelas de autoria de Danúbia Leão, onde a artista explora a força simbólica e política da linguagem poética (Fig.02). As obras, expostas em meio às instalações com elementos naturais, revelaram-se como gestos de resistência estética e insurgência afetiva. Oliveira afirma que: “Quando o poema toca a pele da terra, algo se acende no corpo da linguagem e na alma do mundo” (2012, p. 81). Essa ideia encontra ressonância no pensamento de Bachelard quando este escreve: “É preciso ouvir a linguagem dos elementos, pois é ela que nos devolve o mundo com espessura” (*A poética do espaço*, 1957).

Figura 02: Lançamento do livro *Império* durante a exposição *EntreLaços*.



Foto: Letícia Cachui.

A *EntreLaços* tornou-se, assim, mais que um evento: foi uma travessia poética entre o visível e o sensível, entre a arte, a ciência e a natureza ~~e a biologia~~, entre o feminino e o território, entre o ontem e o porvir. Com sua curadoria atenta à pluralidade de linguagens e à força viva do Pantanal, a exposição costurou um espaço de escuta, contemplação e transformação em que a terra não foi apenas suporte, mas memória viva e fonte de criação. Como afirma Sato: “É urgente educar poeticamente os sentidos para que possamos voltar a sentir o mundo antes de tentar mudá-lo” (Sato, 2019).

O momento interativo da mostra permitiu ao público experimentar as tintas naturais e compreender o processo criativo de modo a promover uma educação artística de base científica e sensível. Essa proposta dialógica reforça o que Sato (2010) chama de “poéticas do cotidiano” que são experiências que despertam o encantamento como método e política.

No segundo ato do evento, o lançamento do livro *Império*, de Elizabete Nascimento, em que a própria estrutura e organização do espaço fez com que as pessoas se posicionassem em um grande círculo, foi acompanhado por uma performance poético-musical com microfone aberto e participação do público. Poemas do livro, que exaltam a força imperativa das mulheres, foram intercalados com músicas que dialogaram afetivamente com os versos e evocaram um coro coletivo entre arte e resistência. A presença da produtora cultural Joci Maciel potencializou a articulação entre literatura, identidade feminina e territorialidade.

EntreLaços foi, assim, uma vivência artística que extrapolou o caráter celebrativo e assumiu contornos políticos, educativos e socioambientais. O evento revelou como a arte pode ser um campo fértil para experiências de conexão entre natureza, corpo e coletividade. Podemos dizer que se trata de um possível dispositivo para compreender a natureza ~~biologia~~ expandida que pulsa nas formas de criar e cuidar do mundo.

Inspirada por contextos locais e globais, a exposição reuniu obras que dialogam diretamente com os desafios contemporâneos, como as relações entre os corpos e os ciclos naturais, os saberes ancestrais e a ciência, a saúde coletiva e o cuidado com o meio-ambiente. Cada obra funcionou como uma célula viva, conectando o biológico ao poético, o visível ao invisível, a técnica ao simbólico. Afinal: “A educação ambiental precisa de imagens, símbolos e cores que comuniquem o invisível.” (Sato, 2012, p. 55)



Destacamos o uso de tintas e pigmentos naturais extraídos da natureza, onde o público experienciou as práticas ancestrais e ecológicas na criação artística. Os fragmentos vegetais foram tratados com rigor técnico e respeito ambiental e transformaram-se em pigmentos para telas e tecidos, nas habilidosas mãos de Ana Paula Piveta. Momento em que as cores [terrosas, ocres, ferruginosas, esverdeadas, alaranjadas, violetas e azuladas] evocou a paleta viva do Pantanal que dialoga com o conceito de "poética da cor" no ambiente natural.

Reafirmamos que a exposição ofereceu aos visitantes um espaço interativo de experimentação com essas tintas naturais, de modo a permitir uma vivência sensorial e educativa, onde puderam manipular pigmentos, sentir texturas e aromas, e compreender os processos químicos, biológicos e sustentáveis envolvidos. Essa prática vivencial aproxima-se da perspectiva de Michèle Sato, quando esta defende uma educação ambiental “mais afetiva, sensível e artística”, capaz de fomentar o encantamento como potência política e pedagógica (Sato, 2002, p. 71). Além de Sato, Fritjof Capra, no clássico *Teia da vida*, propõe o pensamento sistêmico e ecológico dentro das ciências biológicas e defende que: “A biologia do futuro será uma biologia da relação e da interdependência.” (Capra, 1996, p. 217)

Defendemos a potência da exposição *EntreLaços* ao movimentar um tema que torna-se urgente na sociedade contemporânea, a necessidade de trazer para a pauta a sustentabilidade e seus rizomas, quais sejam: Educação, Saúde, Biotecnologia e a natureza, de modo a promover um espaço de aprendizagem expandida. Nesse sentido, defendemos que no campo da educação, *Entrelaços* promoveu o vínculo afetivo com o conhecimento científico por meio da estética e da sensorialidade ao responder ao chamado por uma educação "ecoformadora" (Sato, 2010, p. 37), que forme sujeitos éticos e comprometidos com o planeta. Pois, de acordo com Mauro Guimarães: “A biologia escolar precisa dialogar com os ciclos da vida e não apenas com estruturas formais.” (Guimarães, 1995, p. 83)

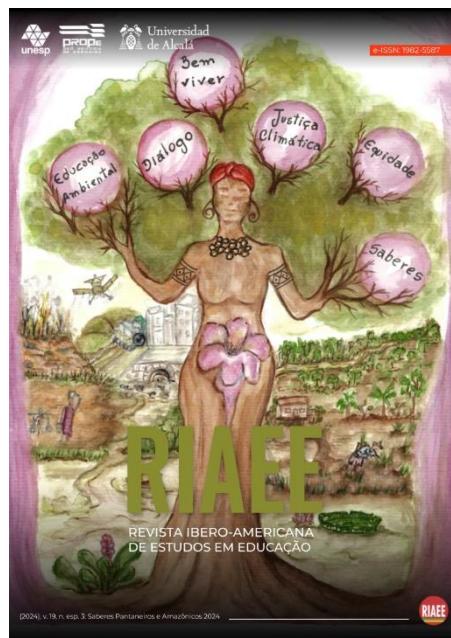
No livro: *Educação Ambiental: Poética e Política, especificamente no capítulo Afetividade e Encantamento* (pp. 69–79), Michèle Sato defende que a arte pode favorecer a escuta sensível da natureza e criar experiências de aprendizagem mais profundas. Pois esta, “[...] educa para o encantamento e pode transfigurar nossa relação com a vida.” (Sato, 2002, p. 71)



Na saúde, o corpo foi tratado como ecossistema sensível, interligado ao ambiente. As obras abordaram, implicitamente, tanto a dimensão simbólica da cura quanto os desafios de saúde coletiva em contextos de crise ecológica. Já na biotecnologia, o uso de pigmentos orgânicos demonstrou o potencial de soluções sustentáveis inspiradas pela biodiversidade e pelo conhecimento tradicional, de modo a aproximar do conceito de "biotecnologia social", voltada ao bem comum. No eixo natureza, *EntreLaços* reafirma o Pantanal como sujeito político e poético, convoca olhares para sua preservação não apenas como recurso natural, mas como território vivo de saberes, culturas e resistências. Nesse ponto, ressoa novamente a contribuição de Sato, ao afirmar que “a arte pode ser caminho de denúncia e anúncio: de crítica ao modelo destrutivo e de abertura para modos outros de existir” (Sato, 2010, p. 45).

Ao tratar da força feminina se faz necessário falar do papel da mulher na ciência e para tanto, trazemos a Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, com a capa ilustrada pela artista Danúbia Leão, além do conhecimento tradicional e saberes de mulheres indígenas, parteiras, benzedeiras, agricultoras familiares, a edição da revista publicada em dezembro de 2024 é composta por artigos escritos por diversas autoras e cientistas mulheres (**Fig. 03**).

Figura 03: Capa da artista e cientista socioambiental Danúbia Leão.



Capa: Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação. Edição 2024.
<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/issue/view/964>

Além da ilustração, a artista contribuiu com um artigo de sua tese de doutorado,

onde tratam da educação ambiental popular e mobilização social para a restauração ecológica do pantanal (Leão e Ikeda-Castrillon, 2024). As pinturas aquarelas pela artista Danúbia Leão foram elaboradas para compor um evento pensado, organizado e executado por mulheres com toda a potência da força feminina e sensibilidade da natureza, que pulsa a vida e que aponta caminhos para os cuidados para restaurar a vida do mundo hoje e para as futuras gerações. Desse modo foram aquarelados, com os pigmentos naturais, corpos e rostos de mulheres, diferentes elementos da natureza como flores e apisagens do pantanal e frases de empoderamento da artista mexicana Frida Kahlo (**Fig. 04**).

Figura 04: Aquarelas da artista Danúbia Leão pintadas com pigmentos naturais produzidos pela artista Ana Paula Piveta, exposição *EntreLaços*.



Fotos: Danúbia Leão e Letícia Cachui.

Os pigmentos naturais utilizados nas pinturas de aquarelas foram extraídos de casca de cebola, jenipapo, feijão borboleta, pau Brasil, Rúbia Tinctória e colchonilha, conjuntamente com os pigmentos naturais foram utilizados os reagentes água, sulfato de ferro monohidratado, carbonato de sódio, bicarbonato de sódio, ácido cítrico e pedra hume em pó (**Fig. 05**). É importante informar que todos os produtos naturais e reagentes foram adquiridos e, legalmente pagos com recursos dos projetos: Pantanal Sacolas Ecológicas, (Mato Grosso Criativo - Edital 08/2021) e Aquarela Botânica para Crianças (Aldir Blanc – Edital 09/2024).

Figura 05: Paleta de cores com os pigmentos naturais e seus reagentes.



Foto: Danúbia Leão.

Em uma exposição onde se enaltece a força feminina e a sensibilidade da arte, não poderia faltar a música popular brasileira com letras que colocam evidência a figura feminina. Durante o espoisão *EntreLaços* contamos com a voz da cantora Talita Dutra dos Santos que escolheu uma linda coletânea de músicas (**Fig. 06**).

Fig. 06: Músicas selecionadas para a exposição *EntreLaços* interpretas por Talita Dutra.

Nome da Música	Autores	Frases que fazem menção as mulheres e a natureza
1. Reconexo	Caetano Veloso	“Eu sou a chuva que lança a areia do Saara”, “Sou a maré viva, sou a Marabô / Sou a filha da mãe”.
2. Malandragem	Cazuza e Roberto Frejat	“Quem sabe eu ainda sou uma garotinha”.
3. Você é linda	Caetano Veloso	“Você é linda / Mais que demais” “Deusa do amor que o homem sagrou” “Morena, boca de ouro”.
4. Palavras no Corpo	Omar Salomão	“Escrevo palavras no corpo / Palavras de amor e desejo”.
5. Flor de Tangerina	Alceu Valença	“Ela é doce como flor de tangerina”, “Ela dança com os raios de sol”.
6. Maria, Maria	Milton Nascimento e Fernando Brant	“Uma força que nos alerta / Uma mulher que merece viver e amar / Como outra qualquer do planeta”.
7. Tropicana	Alceu Valença e Vicente Barreto	“Morena tropicana, eu quero teu sabor / Ai, ai, ai, ai / Da manga rosa quero gosto e o sumo / Melão maduro, sapoti, juá / Jaboticaba, teu olhar noturno”.

EntreLaços revelou-se como uma tessitura sensível entre arte, ciência e

território; uma ciência expandida que não se limita ao laboratório, mas pulsa nas ruas, nos corpos, nas matas, nos rios, nas mãos que criam e cuidam. Uma gramática viva da sustentabilidade, onde estética e ética caminham juntas na criação de futuros possíveis, (Fig 07).

Figura 07: Mulheres protagonistas da Exposição EntreLaços. Da esqueda para a direita: Evelin Mendes, Mayra Ramony, Talita Santos, Danúbia Leão, Elizabete Nascimento, Joci Maciel e Ana Paula Piveta.



Foto: Letícia Cachui.

Ao considerar o exposto, a nossa utopia é que esta exposição torne-se itinerante, pois pode-se configurar em uma ação estratégica e necessária diante dos desafios contemporâneos que exigem a reinvenção de formas sensíveis de educar, sensibilizar e mobilizar os territórios. Ao levar *EntreLaços* para outros espaços, pretendemos ampliar seu alcance como dispositivo de transformação poética e ecológica, de modo a revitalizar o diálogo entre arte, memória, ecologia e protagonismo feminino em contextos diversos, especialmente aqueles que carecem de ações culturais sensíveis e descentralizadas.

Conclusão

A Exposição Poética *EntreLaços* reafirmou o compromisso com uma estética da sustentabilidade e com uma educação que é, antes de tudo, poética e planetária. Um entrelaço de mundos — entre a poesia do chão pantaneiro e a ciência das águas, entre o feminino ancestral e a sensibilidade política, entre a memória da terra e o desejo de

futuro. Itinerar *EntreLaços* é permitir que novas comunidades também possam vivenciar uma experiência estética e afetiva que toca a ancestralidade, a educação ambiental, a saúde emocional e a escuta simbólica do território pantaneiro e, desse modo, possa também criar ecos sobre os seus espaços. Acreditamos que este projeto potencializa uma ruptura com o modelo expositivo tradicional e se afirma como prática viva de ecopedagogia, conforme propõe Michèle Sato (2019), ao defender que, é preciso deslocar o saber das academias e instituições fechadas para os campos, as margens, os encontros e reencontros que dinamizam a vida.

Além do exposto, a proposta itinerante pode potencializar a capilaridade da ação poética, ao fortalecer uma rede de escuta e expressão nas escolas, comunidades, centros culturais e espaços públicos. Como já defendia Gaston Bachelard, “a imaginação é um meio de conhecer” e, portanto, ao mobilizar essa imaginação por meio da arte, *EntreLaços* contribui para uma consciência ecológica que é também estética, política e pedagógica.

Para a efetivação desse projeto de oferecer essa experiência a outros lugares, as curadoras e produtoras culturais tem se debruçado em busca de recursos financeiros e logísticos, pois essa exposição precisa ser aberta ao público de forma gratuita, todavia acreditamos que a valorização do trabalho profissional artístico realizado, principalmente por mulheres, precisa ser remunerada. Destacamos a importância das Leis de fomentos culturais Paulo Gustavo e Aldir Blanc, mas lamentamos a morosidade nos processos de seleção e efetivação financiamento que duram em média entre 10 a 12 meses.

A Exposição torna-se, assim, um gesto de semeadura: a cada lugar visitado, entrelaça histórias, práticas sustentáveis, expressões locais e saberes coletivos, renova assim o encantamento pela vida e afirma pelo/no fazer uma cultura da paz, da escuta e da esperança. Sua itinerância não é apenas um deslocamento físico, mas um movimento ético e poético de reexistência, especialmente, feminina.

Referências bibliográficas

AMNESTY INTERNATIONAL. CÚPULA DA COP30 SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS NO BRASIL. Amnesty International Ltd Peter Benenson House, 1 Easton Street Londres, WC1X 0DW, Reino Unido, 2025.



CAPRA, Fritjof. *Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.* São Paulo: Cultrix, 1996.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática pedagógica.* São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, Mauro. *A Complexidade da Educação Ambiental: um estudo sobre transversalidade.* Campinas: Papirus, 2000.

KRENAK, A. A Vida é Selvagem. Cadernos SELVAGEM. publicação digital da Dantes Editora Biosfera, 2020.

LEÃO, D. da S.; IKEDA-CASTRILLON, S. K. Educação Ambiental Popular e Mobilização Social para a Restauração Ecológica do Pantanal. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação: Saberes Pantaneiros e Amazônicos. v. 19. n. esp. 3. 2024.

MORAES, Maria Cândida. *Educação Ambiental e Transdisciplinaridade: novas perspectivas para a formação docente.* São Paulo: Cortez, 2004.

OLIVEIRA, Elizabete. *A educação ambiental & Manoel de Barros: diálogos poéticos.* 1. ed. São Paulo: Paulinas, 10 jul. 2012. 192 p. ISBN 978-85-356-3055-8

SATO, Michèle. *Educação Ambiental: Poética e Política.* 2. ed. Cuiabá: EdUFMT, 2002.

SATO, Michèle. *Educação Ambiental e Arte: A sensibilidade como potência pedagógica.* In: LOUREIRO, Carlos Frederico B.; LAYRARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de (Orgs.). *Educação Ambiental: pesquisa e desafios.* São Paulo: Cortez, 2010. p. 29–48.

SATO, Michèle. *Poéticas do Cotidiano: a educação ambiental entre o sensível e o político.* Cuiabá: EdUFMT, 2012.

SILVA, Patrícia Nunes da; FRANCO, Luiz Eduardo G. Tintas Naturais como Ferramenta de Educação Ambiental. *Revista Ciência & Educação*, v. 24, n. 2, 2018.

